

Visita Privada

Chego ao atelier de Cristina Ataíde numa tarde de calor precoce. Com uma localização privilegiada na Tapada da Ajuda, a conversa decorreu no exterior, na esplanada improvisada com vista para a vegetação que por ali prolifera e ao som do cantar dos pássaros. Este é o cenário de que precisa. Sempre que possível a natureza e o ar livre são o seu habitat. É aí que pode “brincar e sujar-se”, ter os pés no ar. Se existir esse estereótipo do artista, Cristina Ataíde “gostaria de ter os pés mais no ar”.

Mas para si, isso significa a disponibilidade para deixar a mente ir onde for preciso para criar. Quando está a trabalhar, está a trabalhar, quando está a conversar está a conversar, entregando-se a cada momento como se não existisse mais nada à sua volta, as horas são esquecidas.

Antes de olhar para si própria como artista plástica e começar a viver do seu trabalho enquanto tal, recuamos à época em que foi directora de produção de Escultura e Design da Madein (1987–1996), a fábrica de Alenquer onde trabalhou com Anish Kapoor, Michelangelo Pistoletto, Keit Sonnier, Matt Mullican, entre outros.

Quando percebeu que não era aceite no meio da arte que trabalhasse em design e ao mesmo tempo fosse uma artista plástica, decidiu que queria ser reconhecida como tal. Aliás tinha sido essa a motivação para ingressar na Escola de Belas Artes onde chegou a frequentar Arquitectura, tendo rapidamente percebido que não era o que queria. Mudou então para o curso de Escultura, a disciplina que a define como artista. Afastou-se da pintura, “a fronteira criada pela tela inibia-me”. Já o desenho é “viciante” e se acontece não poder desenhar, entra em “carência”, “preciso de agarrar em papel, em lápis, em materiais”. É a relação do seu corpo com o espaço que a impele a desenhar e para si é como se fosse escultura. A sua sede de diversidade e de experimentação levam-na ainda pelos caminhos da fotografia e do vídeo.

Os territórios muito definidos e de certa forma limitados não a atraem. Cristina Ataíde é uma viajante e uma caminhante, necessita de movimento permanente e por isso muito do seu trabalho é feito em viagem, com

os lugares e com as pessoas que os habitam, “passamos a fazer parte da vida das pessoas”.

Executar um trabalho para um espaço específico, a chamada instalação, perceber o que o espaço pede, “fazer com que o espaço fale”, é entusiasmante. A paixão e a energia que Cristina Ataíde põe na execução do seu trabalho, em que o vermelho está sempre presente, parecem ser mais fortes do que ver a obra exposta e pergunto-me se será isso que a leva a não ter memória de emoções intensas quando pela primeira vez expôs, fosse colectiva ou individualmente. Nem o facto de ter vendido várias das obras da primeira mostra individual a fizeram vibrar, achou “normal”. Há como que um desapego do seu trabalho depois de concluído. Acha divertido que algumas das pessoas que lhe compraram essas obras ainda as tenham em seu poder e há uma delas, em casa de uma amiga, que gosta sempre de rever mas porque sente que ficou a fazer parte da vida dessas pessoas.

Se por um lado necessita de ter encomendas e exposições agendadas, por outro precisa de ter um horizonte temporal sem solicitações que lhe permita viajar, sendo que o viajar significa sair do seu espaço, pode ser para outro país, mas também “para a rua de baixo”. É nos lugares que gosta de produzir, depois de os ter sentido e de ter “comunicado com eles”. Aí, trabalha com os materiais que lhe são postos à disposição, seja com água, com terra ou com as próprias pessoas, entrando pelos caminhos da estética relacional.

No Brasil, para onde viaja e expõe com frequência, tem desenvolvido trabalho com as comunidades, com alunos das escolas, com ateliers de outros artistas com os quais pode trabalhar a várias mãos e fazer trocas. Cristina Ataíde foge do isolamento a que facilmente um artista pode chegar e promove o trabalho com outros, como tem acontecido com a artista Graça Pereira Coutinho. Depois de partirem as duas para um lugar, vão conversando acerca do mesmo, descrevendo o que sentem em relação a esse lugar e pode aparecer um projecto conjunto.

O atelier é o espaço onde dá vida às inúmeras ideias/projectos que lhe surgem nas mais diversas situações, por exemplo, enquanto conduz. Cada uma das ideias é anotada, muitas vezes sob a forma de desenho, no caderno que transporta sempre consigo e que lhe permite libertar a cabeça.

Também foi o seu atelier que acolheu o primeiro encontro informal de artistas, ideia que teve com a artista plástica Marta Wengorovius. “As pessoas deixaram de se encontrar para conversar, estão a isolar-se cada vez mais, eu própria deixo muitas vezes de falar com as pessoas e prefiro telefonar, pelo menos assim ouvem-me sem estar a olhar constantemente para o telemóvel”, é a afirmação que está na origem destes encontros, para além da inspiração no modelo associativo de artistas que viu no Brasil, em que cada um fala do seu trabalho e em que há partilha de comida e bebida e troca de obras entre eles.

Se alguns dos territórios onde instalou atelier foram determinados pelas circunstâncias de vida, os últimos foram escolhidos por si obedecendo a critérios como a localização, no campo dentro da cidade, e com espaço exterior, mesmo que com prejuízo do pé direito como é o caso do que ocupa actualmente. Esta última característica tem tido, naturalmente, impacto no seu trabalho retirando dimensão às obras produzidas. Talvez por isso se preocupe em manter o atelier despojado para assim encontrar mais espaço. É o espaço que a faz ter vontade de trabalhar. Por outro lado mantém um arquivo organizado com todas as suas obras fotografadas e sempre que as galerias que a representam vendem um trabalho seu, faz questão de saber a quem existindo casos em que mantém relação com colecionadores ou porque já são amigos, ou porque lhe pedem para ir instalar uma peça ou simplesmente aconselhar o melhor sítio para a colocar. Nessas circunstâncias acontece com frequência descobrirem-se interesses comuns e iniciar-se uma amizade.

Para Cristina Ataíde, poder conversar sobre a sua obra é fundamental e é isso que lhe permitem e que facilitam as galerias que actualmente a representam: em Portugal a Belo Galsterer, a Giefarte e a Quattro, no Brasil a Andreia Rehder e a Tuca Nisel e em Madrid a Magda

Belotti. Para além, é claro, de darem visibilidade ao seu trabalho.

Numa época em que ser-se visível é considerado um imperativo, essa é uma tarefa para a qual não está disponível, “o meu trabalho é produzir a obra”. Esta crença foi o que levou à contratação de um assistente que se ocupa de tudo o que considera trabalho burocrático.

A internacionalização aconteceu por via da Galeria Fonseca Macedo que a levou a Madrid e também pela sua constante busca de lugares e de pessoas, sobretudo artistas de outros países, como aconteceu com os primeiros artistas plásticos brasileiros que conheceu com a curadora Fátima Lambert. Nova Iorque, onde já expôs, e onde voltará em breve a mostrar o seu trabalho, é para Cristina Ataíde um lugar onde gosta de ir e voltar, não de estar como no Brasil, país onde antes de mais construiu relações de amizade.

As relações que alimenta com outros artistas, interessando-se pelo que “andam a fazer”, permitem que tenha uma significativa colecção de arte muito construída por trocas de obras.

Já quando se refere à crítica de arte em Portugal, que considera praticamente inexistente, declara a importância que a mesma tem para o reconhecimento do trabalho dos artistas independentemente de ser abonatória ou não. Se é vulnerável à crítica? Responde-me, “ao que escrevem ou ao que não escrevem?”

Embora seja desapegada das obras que vende, já lhe aconteceu ter vendido uma que esteve algum tempo em sua casa e ter-lhe sentido a falta o que a levou a decidir que as obras que leva para casa não estarão à venda. E sempre que faz novas séries de desenhos já sabe que vai guardar um para o Alexandre e outro para o André, os seus filhos.

Dalia Pinto Almeida
2019

